

PARAGUASSU, Renan Delmontt Souza, **Corpo Universo: uma Poética das Constelações Compositivas**. Belém: Universidade Federal do Pará; Instituto de Ciências da Arte da UFPA; Programa de Pós Graduação em Artes da UFPA; Mestrado Acadêmico em Artes; Orientador: Cesário Augusto. Discente; Bolsista CAPES. Ator, Diretor e Professor de Teatro.

RESUMO: O presente trabalho visa relatar, refletir sobre a metodologia de construção e criação da poética cênica intitulada *Corpo-Universo: uma poética das constelações compositivas*, monólogo resultante da pesquisa de mestrado que ora se encontra em curso. O processo criativo cênico e de escrita se alicerça inicialmente em sete Verbos Potência, quais sejam Orbitar, Treinar, Revisitar, (Des)Fragmentar, Constelar, (Re)Corporificar e Corpo-Universalizar, que assumem sentidos únicos dentro da pesquisa (LIMA; XAVIER, 2016). Estes verbetes desenham um caminho e uma lógica pensados em sua concepção, a partir da metáfora onde o corpo é o centro de um sistema espacial e as experiências/vivências tidas ao longo da vida teatral deste pesquisador/ator são astros e corpos celestes que o orbitam. Estes planetas, cometas e estrelas pertencentes a este corpo-universo tornam-se a matéria prima para a criação de um novo processo criativo cênico, onde a metodologia de trabalho e pesquisa é mergulhada na fenomenologia, pois o fazer e a experimentação partem, primeiramente, das imagens poéticas despertadas pela memória e pelo sentir do pesquisador (BACHELARD, 1988), considerando a tomada de consciência do mesmo frente ao fenômeno da construção e atuação cênica, que é potencializado pelo treinamento psicofísico “O Estado de ser do ator” (SIMIONE, 2014) como prática contínua e rigorosa que permeia o trabalho do ator. A articulação entre as práticas mencionadas resultou em quatro das oito cenas criadas para o final do trabalho ora desenvolvido na pesquisa, já rematadas, e outras quatro estão sendo desenhadas dentro do processo metodológico guiado pelos verbos. O resultado concludente deste processo ainda está, em acompanhamento à visão metaforizada da do universo e suas constelações, no outro lado do buraco negro que ora o pesquisador atravessa dentro do âmbito de práticas teatrais, mas tudo aquilo (re) corporificado mostra que vivências, em termos das artes cênicas, podem ser capturar um passado repleto de força e sustentação, envolver-se em um presente em contínua maturação, fruto da reflexão e principalmente, e colimar um futuro pleno de possibilidades como fonte à criação.

PALAVRAS CHAVE: Imagem-Poética. Metodologia. Corpo. Processo Criativo. Poética Cênica.

ABSTRACT: This paper is focused on report, as well as reflect the construction and creation methodology of the scenic poetry entitled *Corpo-Universo: Uma Poética das Constelações compositivas*, monologue resulted from master's degree research. The writing and scenic creative process is based on seven verbs: Potência, Orbitar, Treinar, Revisitar, (Des)Fragmentar, Constelar, (Re)Corporificar e Corpo-Universalizar, which take unique meanings in this

research (LIMA e XAVIER 2016). These words lead to a path and to a logic built in your conception, from the metaphor in which the body is the center of a spatial system and the living experiences throughout the theatrical life of this researcher/actor stars and celestial bodies which orbit him. These planets, comets and stars belonged to this body-universe turn into the raw material for the creation of a new scenic creative process in which the methodology is based on the phenomenology, because the act of doing and the experimentation start from poetic images aroused by the memory and by the feeling of the researcher (Bachelard 1988), have been taken the conscience on the same in front of the construction and scenic acting, that is potentialized by the psychophysics training, "The State of Being of the Actor" (SIMIONE 2014). as an continuous and rigorous practice of the actor job. The articulation between the practices above mentioned already result in four of the eight scenes of the final work developed by the research, and the other four and drowned inside the methodological process guided by the verbs. The conclusive result of this process is currently following the metaphorical of the universe and its constellations, on the other side of this "black whole" this autor is going through right now, inside this universe of theatrical practices, but everything that I already got to reincorporate shows that our life experiences in the world of scenic arts can always be passed with strength, continuous mature process that comes from reflection and mainly of the future that is full of possibilities as inspiration to creation.

KEYWORDS: Image-Poetics, Methodology, Body, Creative Process, Poetic Scenic

1. **BIG-BANG**

"Não tenho quintal e nem mochila, eu tenho órbita". Assim surgiu o pensamento que gerou todo o processo de organização metaforizado desta pesquisa, onde a escrita e criação cênica parte da organização das experiências e vivências teatrais, estudadas e até esquecidas por este pesquisador.

E como forma de externar esse pensamento, surgiu o desenho intitulado *Pensamento orbital*. Nele, meu corpo aparece no centro deste sistema, guardando em si um universo de vivências teatrais e artísticas. Em meio a este cosmos, a minha memória projeta de dentro para fora deste corpo aparenta perfazer convivências junto a astros e corpos celestes que, por sua vez, me ficam orbitando.

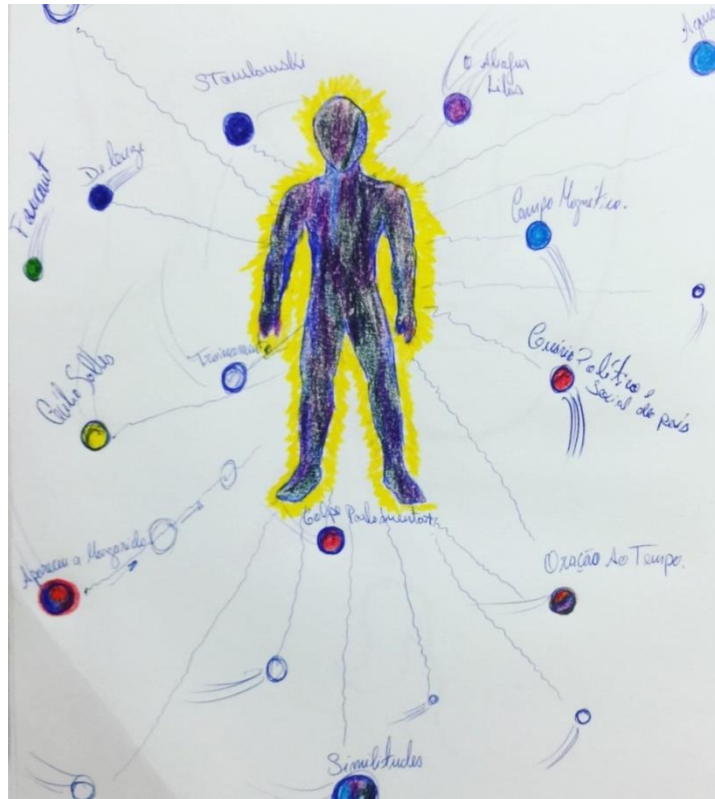


Figura 1 - Pensamento orbital . Fonte: acervo do autor (2018)

É na imagem poética (seja pensada ou grafada) que o sentido da própria pesquisa ganha força e torna-se fazer, pois a potência que as imagens têm ao conseguir organizar pensamentos e sensações que o corpo guarda é intensamente utilizada no decorrer dos estudos, das experimentações, dos devaneios e das composições, tanto escrita quanto cênica, gerando assim uma força criativa para o pesquisador. Esta força criativa traz ,assim como atesta Bachelard (1988), a variação da própria imagem que utiliza a própria investigação, e essa sutileza tem o frescor de uma novidade que, por sua vez, reanima origens, revigora e eleva o prazer de maravilhar-se com novas descobertas. Desta forma a imagem poética ganha uma dimensão que vai além da organização ou metaforização do pensamentos, porquanto

A imagem poética, aparecendo como um novo ser da linguagem, em nada se compara, segundo o modo de uma metáfora comum, a uma válvula que se abriria para liberar instintos recalçados. A imagem poética ilumina com tal luz a consciência, que é vão procurar-lhes elementos inconscientes. Pelo menos, a fenomenologia tem boas razões para tomar a imagem poética em seu próprio ser, em ruptura com um ser antecedente, como uma conquista positiva da palavra (BACHELARD, 1988, p.3)

Dessa forma, esta construção de uma metodologia para organizar os pensamentos, traçar a escrita e compor uma obra poética cênica encontrou abrigo na fenomenologia, assim como para Gaston Bachelard:

E foi assim que escolhi a fenomenologia na esperança de reexaminar com o olhar do novo as imagens fielmente amadas, tão solidamente fixadas na minha memória que já não sei se estou a recordar ou a imaginar quando as reencontro em meus devaneios (1988, p. 2)

E assim também foi meu encontro com a fenomenologia, pelo o sentido de esta metodologia ser fruto da tomada de consciência no fazer artístico/acadêmico do próprio pesquisador, onde minha memória me guia em caminhos recém-descobertos ou caminhos há muito traçados e quase esquecidos dentro da minha trajetória artística. Esta mesma memória arrasta à tona lembranças em forma de imagens que, apesar de fixadas, nem sempre são a representação nítida de momentos passados, mas que se misturam com devaneios, dando o sentido construído pela própria memória em processo de construí-los, pari passu com a imaginação de novas lembranças recheadas de passado e presente.

A imagem poética intitulada *Pensamento Orbital* surgiu desta relação devaneadora do artista pesquisador com a sua obra, surgiu como metáfora imagética organizadora do pensamento que naquele momento se encontrava confuso. Deste devaneio organizador, outros sonhos e brincadeiras metafóricas nasceram, dando origem aos “Verbetes”, verbos ou palavras-potências que apareceram no fazer, na imanência da pesquisa e da criação artística.

Esse jogo entre devaneio, imagem e palavra desdobrou-se em uma cadeia de pensamento dividida em sete verbetes orientadores da organização da escrita e da criação poética, dando forma à metodologia de composição de ambas, sendo alimentada a cada leitura, treinamento ou experimentação cênica desenvolvida para a criação da poética.

Orbitar, Treinar, Revisitar, (Des)Fragmentar, Constelar, (Re)Corporificar e Corpo Universalizar. Estes são os sete verbos potência que ora se apresentam como guias neste percurso cósmico, desenham um

caminho e uma lógica pensados em sua concepção, a partir da imagem poética.

2. AJUSTANDO O TELESCÓPIO E PREPARANDO A ESPAÇONAVE

Ainda que dois verbos potências que compõem este item sugiram ações diretas de mergulho no corpo-universo, entendo este momento como o processo preparatório que fundamentará toda a escrita e criação da obra artística.

2.1. *orbitar*

Como afirmado acima, as vivências e experiências artísticas deste pesquisador orbitam seu corpo, mas aqui, o verbo *orbitar* não se refere a estas, e sim ao próprio pesquisador. Orbitar é o movimento de se lançar e percorrer estes astros e corpos celestes que flutuam neste universo, colocando também nesta órbita a memória como mochila propulsora que o leva a experiências passadas e observar as estrelas bem de perto, sentindo suas texturas, energias e temperaturas.

Se colocar em órbita é poder se transportar para mais próximo dos objetos de análise e estudo que neste caso são todos os astros que ora já estão mapeados e giram em torno do astro-corpo, e essa aproximação garante uma sensação de renovação da relação com o próprio objeto, (re)criando histórias e projetando possibilidades. Este pensamento ganha apoio e força para a pesquisa naquilo que Bachelard diz quando nos fala da relação com objetos importantes a nós:

A companhia vivida dos objetos familiares nos trás de volta à vida lenta. Perto deles somos tomados por uma fantasia que tem um passado e que, no entanto reencontra a cada vez um frescor. Os objetos guardados no “armário das coisas” (Chosies), nesse estreito museu de coisas que gostamos, são talismãs de fantasia. Evocamo-las e, pela graça de seus nomes, já vamos sonhando histórias bem velhas [...]. (BACHELARD, 1989, P.91)

O verbo orbitar pode ser considerado, ainda, como um movimento de mergulho, de entrar na dimensão interna deste corpo universo, assumindo assim uma forma dupla de movimento pesquisador, pois ao mesmo tempo em

que experiências circundam este corpo, sentimentos que ainda estão pulsando, estão vivos o revolvem por dentro fazendo-se necessários para esta viagem.

2.1.2. treinar

“Decidi que durante três meses, das doze à uma, durante todos os dias, onde quer que eu viesse a estar e não importa o que estivesse fazendo, ficaria observando tudo e todos à minha volta”.

(Richard Boleslavski)

Todo astronauta precisa de um grande tempo de preparação antes de se lançar no espaço cósmico, e aqui não seria diferente, pois treinar é um constante momento dentro desta pesquisa, será o exercício diário de ler, reler, refletir, anotar, apagar, rasurar, reescrever; treinar potencialidades subjetivas até então camufladas para mergulhar e emergir para outros espaços e buscas constantes.

Para isso a consciência da importância do treinamento há de se fazer presente tendo a disciplina como base para a sua continuidade. Isto acaba se tornando um grande desafio, pois é esta disciplina que alimentará a decisão de manter uma prática cotidiana consciente que desenvolva as potencialidades físicas e criativas, identifique dificuldades e limitações do ator com a finalidade de transformar tudo em material para a criação poética.

A metodologia base para preparação é o treinamento Intitulado “O Estado de ser do Ator”¹ fará parte de todo o percurso criador, no qual os sentimentos, sensações, reflexões e descobertas serão frutos de sua prática. Podendo ser registradas, na linguagem escrita (palavras) e na linguagem gráfica (desenhos e pinturas). Além disto, o treinamento faz parte da composição de todos os momentos das experimentações cênicas geradoras da poética bem como da preparação corporal do ator.

¹ Treinamento sistematizado e desenvolvido ao longo de trinta e três anos por Carlos Simione, ator e membro pesquisador do Grupo LUME teatro (Campinas-SP).

2.2. Decolando: entrando em órbita e explorando as estrelas

Aqui, a observação dos astros e corpos celestes é feita de perto. A memória é acionada como uma mochila propulsora que dá ao astronauta a mobilidade necessária e segura fora da gravidade, já a lente do presente acoplada em seu capacete, confere a capacidade de perceber detalhes e diferenças que o telescópio não havia capturado.

2.2.1. Revisitar

Este verbo aparece com toda a sua potência nesta pesquisa, pois revisitar é retornar, é se transportar a processos de criação de espetáculos, construção de personagens, leituras de obras, pesquisas vivenciadas no passado e poder observar tudo com o olhar do hoje, com a maturação que o tempo traz.

Este processo é conduzido pela memória, e aqui ela se apresenta como a principal indutora ou a “mochila de propulsão” que me fará passear pela órbita podendo chegar a pontos mais distantes do tempo e espaço neste corpo universo.

Revisitar não é querer reviver nem fazer uma releitura daquilo que já passou, mas simplesmente poder observar melhor cada detalhe ou enxergar novas possibilidades, pois quando se trata de um processo criativo, sobretudo em artes cênicas, “Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens de hoje as experiências do passado. A memória é ação. A imaginação não opera, portanto, sobre o vazio, mas com a sustentação da memória”, (SALLES, 1998 p.100). Logo, revisitar guiado pela mochila da memória é o movimento primordial para as dobras das (re)criações por mim realizadas, é pedra fundamental da criação e aplicação do próximo verbete.

2.2.2. (Des)fragmentar

O verbete (des)fragmentar aparece com o sentido duplo exatamente por conter em si dois movimentos. Ao revisitar um dos processos criativos poéticos passados, o pesquisador/astronauta pode dividi-lo, fragmentá-lo em suas bases compositivas, metodológicas ou indutoras para observar melhor

cada detalhe que, por ventura tenha passado despercebido, ou simplesmente extrair mais daquilo que já havia trabalhado, este é o primeiro movimento deste verbo, o Fragmentar. O segundo movimento nasce exatamente do oposto, no ato de revisitar mais de um processo ao mesmo tempo e uni-los em um, experimentando combinações diferentes daquelas escolhidas anteriormente e criar mais matéria compositiva.

Estas análises, reflexões e combinações podem e devem ser registradas ao longo do processo, tanto na forma escrita como na forma gráfica, pois elas guardam o cerne da composição, que é a base de outro verbo.

Percebe-se até aqui, que cada verbo serve como alicerce e fio para o próximo, formando base de sustentação deste caminho, ou a interligação dos fios da memória e das inúmeras referências de apoio para ofazer deste trabalho. E com (Des)Fragmentar não seria diferente, pois ele é fonte de matéria-prima indutora ou interlocutora para as experimentações seguintes.

2.3. Perdido no Espaço ou mergulhando no buraco negro

Ainda que o título deste item faça parecer que o pesquisador está fora do controle, os verbos potência que o compõe trazem em si a raiz da experimentação e composição cênica, fruto do trabalho com o material coletado na fase anterior.

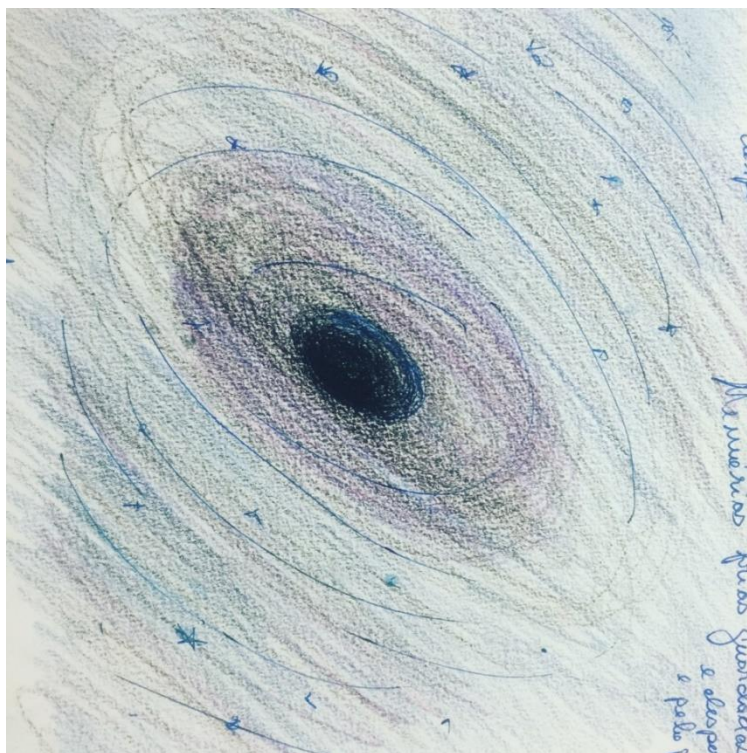


Figura 2 - O vazio da Criação. Fonte: Acervo do autor (2018)

2.3.1. Constelar

Na proposta metodológica de experimentação cênica, o verbo constelar se torna o motor principal da criação de uma nova poética, cuja base são os astros que orbitam o corpo, se valendo dos (des)fragmentandos de processos revisitados articulados com os elementos componentes do treinamento “Estado de Ser do ator” e influenciados pelos estudos de teorias e procedimentos teatrais, constelar se torna um verdadeiro amálgama de elementos indutores para novas descobertas.

Cada combinação se torna uma *Constelação Compositiva* que será a matéria bruta a ser lapidada para a construção da poética cênica resultante desta pesquisa. Em outras palavras, cada constelação regerá o processo de escrita e criação de uma das cenas que compõe a poética do Corpo-Universo.

Até aqui, percebe-se ainda que, com as possibilidades criadas pelos verbos *Revisitar*, *(Des)Fragmentar* e *Constelar*, a pesquisa trás diversas formas de recriar a partir daquilo que já foi vivenciado. Isto mostra o caráter de continuidade que cada processo artístico possui, gerando novas criações a

partir das diversas combinações de seus indutores e elementos compositivos, o que torna a própria poética ora experimentada e desenvolvida uma obra sem limite estabelecido, quer seja no percurso desta pesquisa, quer seja no caminhar artístico deste pesquisador. Assim como Cecília Salles (2008), acredito que a obra de arte e o próprio processo criativo não se limitam ao produto que é apresentado como “resultado”.

[...] A relação entre o que se tem e o que se quer reverte-se em contínuos gestos aproximativos - adequações que buscam a sempre inatingível completude. O artista lida com sua obra em estado de contínuo inacabamento, o que é experienciado como insatisfação. No entanto, a incompletude traz consigo também valor dinâmico, na medida em que gera busca que se materializa nesse processo aproximativo, na construção de uma obra específica e na criação de outras obras, mais outras e mais outras. O objeto dito acabado pertence, portanto, a um processo inacabado. Não se trata de uma desvalorização da obra entregue ao público, mas da dessacralização dessa como final e única forma possível. (SALLES, 2008, P. 14)

Dessa forma, acredito que Constelar se torna ainda laboratório de continuidade não apenas deste próprio processo de pesquisa, experimentação e desenvolvimento da obra poética cênica, pois este verbete se revela como fonte mutável de matéria para outros processos que não se referem a construção de um espetáculo teatral apenas, mas podendo alcançar novos espaços de criação artística, como a construção de personagens, desenvolvimento coreográficos entre outros.

2.3.2. Corporificar

Se constelar é gerar a matéria bruta, corporificar é lapidá-la, é torná-la parte sólida deste grande Corpo-Universo. Neste processo, a matéria é mais uma vez experimentada, por vezes, desconstruída ou reconstruída a partir de uma constelação e, por fim, desenvolvida (ensaiada) e articulada com as bases de outra constelação compositiva, tornando-se um verdadeiro Sistema Cósmico novo.

Corporificar é tornar as experimentações vivas no próprio corpo que foi gerador de suas induções, pois é este corpo que dará visibilidade, forma, energia e até mesmo transformará a obra poética em algo concreto, sensível e mutável no momento da troca com aqueles que presenciarem o ato cênico.

Na efemeridade da atuação, o corpo descobre novas resoluções e possibilidades, enfrenta novas dificuldades e experimenta novas emoções que não foram e nem puderam ser experienciadas nos momentos anteriores guiados pela memória. Ainda que este guarde a sua própria memória, ele necessita da ação cênica para a apropriação daquilo que está sendo desenvolvido, podendo inclusive gerar novos questionamentos sobre sua função como principal elemento na execução do trabalho do ator. Ele é um objeto artístico? Ou um transfigurador do pensamento em ação, que por sua vez gera a obra artística?

Basicamente, corporificar é garantir o ato de vivenciar cenicamente a criação artística podendo escolher de forma mais objetiva e consciente as resoluções cênicas para a criação da poética e de suas cenas consteladas.

2.4. Atravessando as dimensões: a poética como fruto do vazio

2.4.1. CORPO-UNIVERSILIZAR



Figura 3 - Apresentação da Cena "Assassino do Esquecimento" durante programação do GT Processos de Criação e Expressão Cênica no X Congresso da ABRACE. Fonte: Bernard Freire (2018)

Mais do que um simples relato do processo criativo, ou apenas registro de descobertas Corpo-universalizar é o resultado final de todo o trajeto artístico e teórico deste pesquisador durante essa jornada. Este verbete é o verdadeiro significado do sentir, viver e criar dentro de um projeto de pesquisa e construção cênica poética.

Neste momento da pesquisa acabo me encontrando com novas dobras a serem investigadas. Em algumas dessas dobras, me alinho com uma fala de Henri Pierri onde o mesmo diz que:

Habeas corpus, esse princípio consagra a ideia comum de que nosso corpo nos pertence, isso ocorre na medida em que somos sujeitos do objeto que ele representa o que faz persistir uma dúvida acerca de sua realidade. Será que experimentamos essa realidade quando nosso corpo é tratado como objeto ou quando cremos ser sujeito das sensações que o animam? (PIERRI, 2002 p.14)

O questionamento ora levantado me provoca a refletir sobre o que é o próprio corpo do ator quando está em cena. Seria um corpo-fenomenológico? Um corpo-fenômeno? Ou a própria atuação se estabelece neste campo da fenomenologia cênica?

Ao longo do capítulo anterior, foram apresentados vários olhares sobre o corpo do ator em cena. E nós atores sabemos bem que mesmo que se repitam várias vezes, em vários momentos as mesmas cenas, nunca será feita da mesma forma, pois existem outros tantos fatores que influenciam na sua execução, sobretudo quando estes estão ligados a outros elementos vivos como o público e outros colegas de cena.

Então Corpo-Universalizar não seria apenas dar forma a todo o processo experimentado com a costura das constelações compositivas, mas também seria refletir sobre o fazer, sobre as mudanças, sobre as resoluções, dificuldades e transcrições encontradas até então, abrindo ainda espaço para novas possibilidades e dobras deste fazer artístico e desta pesquisa. Ao término deste processo, que penso ser criador de oito constelações, terei o último verbete que não aparece e nem é contabilizado no início deste trabalho, mas se faz presente no sentir e no fazer desta obra. Neste ponto da viagem cósmica, que acredito ainda ser um buraco negro no espaço, está contida toda a minha relação com a pesquisa e fazer artístico preservando o refletir e

perceber da minha própria individualidade sombria detentora do meu corpo em cena.

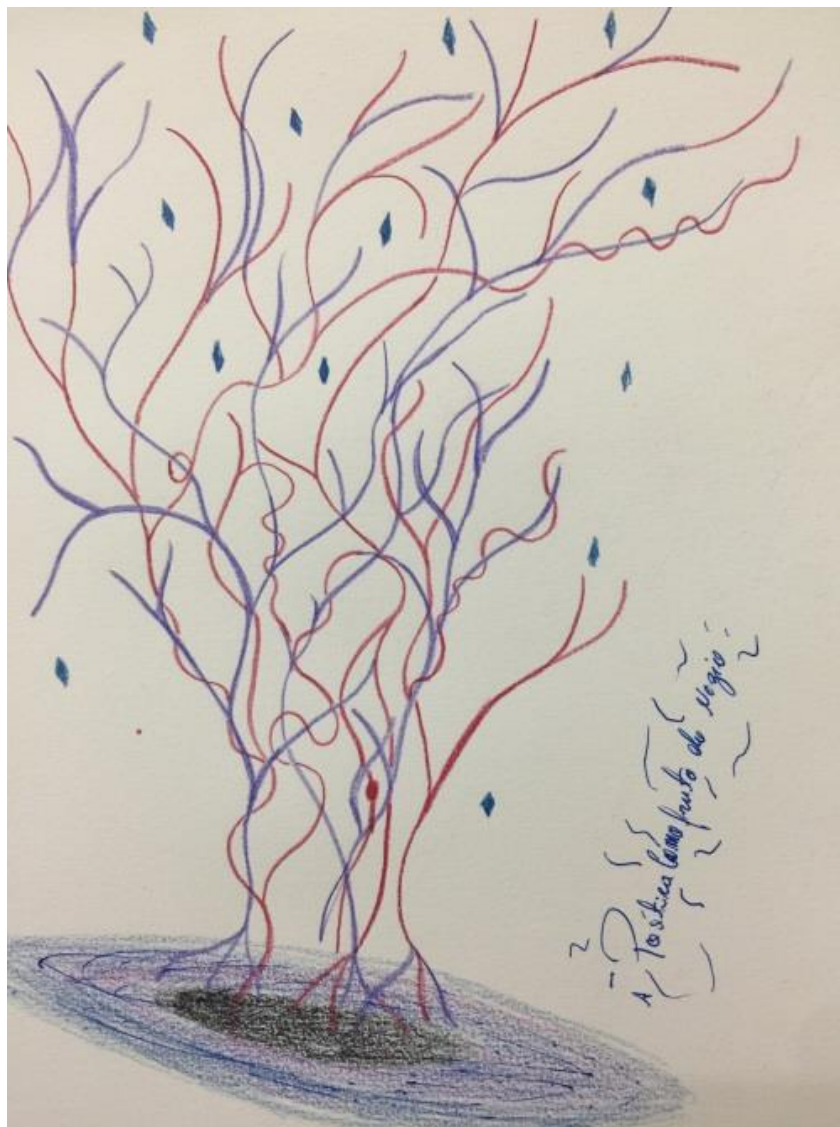


Figura 1 - Poética como fruto do Vazio. Fonte: Acervo do autor (2018)

3. BURACO NEGRO: UMA LIGAÇÃO COM A POÉTOCA

Buraco negro para alguns é vazio, é comumente visto como “astro morto”, como antimatéria ou como aquilo que traga e destrói tudo que, por ventura, se atreva a entrar em seu campo gravitacional, mas para mim ele é porta de entrada para uma nova dimensão poética, qual seja, o espaço permanente das recriações artísticas. É no outro lado deste buraco negro que reside a poética, o último capítulo e escrita final de deste momento em uma pesquisa fruto da imanência que a arte teatral me proporcionou até então.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do Devaneio**, 2º Ed, WMF Martins Fontes, São Paulo, 2009.

BACHELARD, Gaston. **A chama de uma Vela**, 1º Ed, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro. 1989

BARBA, Eugênio. **A arte Secreta do Ator: Um dicionário de Antropologia Teatral**. 5º Ed. São Paulo. 2012

BOLESLAVSKI, Richard. **A Arte do Ator: As Primeiras Seis Lições**, 1º Ed. Perspectiva

DELEUZE, Gilles. **O que é o ato da criação?**. Disponível em <http://www.dailymotion.com/video/x1dlfsr>. Acesso em 07 de Novembro de 2017.

JEUDI, Henri Pierre. **O corpo como objeto de Arte**. Trad. Tereza Lourenço. São Paulo: Estação da Liberdade, 2002.

SALLES, Cecília, **Gestos Inacabados**: Processo de criação Artística, 2º Ed, FADESP, São Paulo, 2004.

SALLES, Cecília, **Redes de Criação**: Construção da Obra de Arte, 2º Ed, Editora Horizonte, São Paulo, 2008.